

ÍNDICE

A INFÂNCIA DE CRISTO

1 – *La infancia de Jesús en la literatura medieval española* – María Eugenia Díaz Tena

Analisamos neste artigo, que é a primeira parte de um estudo mais amplo, a presença e o tratamento da infância do menino Jesus na produção literária da Idade Média espanhola, do século XII ao século XIV. Tentamos reunir o maior número possível de textos pertencentes a diferentes géneros da nossa literatura medieval, os quais contam ou fazem referência a passagens da infância de Jesus e que têm como fonte a Bíblia ou os evangelhos apócrifos. O nosso trabalho é organizado ao longo dos séculos, embora nas conclusões finais fiquem muito definidas as diferenças no tratamento desta questão ao longo dos séculos e dos géneros da literatura.

2 – *A infância de Cristo na poesia de Baltasar Estação* – Maria Lucília Gonçalves Pires

No panorama da poesia portuguesa dedicada à infância de Cristo durante o período Maneirista, a obra de Baltazar Estação distingue-se pelo número de poemas que o autor dedica a este tema e pela variedade de episódios que invoca. Neste artigo é analisada a obra inédita do poeta, *Diálogo do Menino Perdido*, um longo panegírico da Sagrada Família que se centra sobre o episódio de Jesus no templo. Contudo, é dada maior atenção à poesia que narra a infância de Cristo incluída no seu trabalho impresso intitulado *Sonetos, canções, églogas e outras rimas*, analisando-se os temas dominantes e os principais processos estilísticos. A espiritualidade presente nesta obra também é comparada com a literatura religiosa do tempo de modo a evidenciar alguns aspectos contrastantes.

3 – *Jornada do Menino Deos para o Egipto: tradição e inovação* – Maria Idalina Resina Rodrigues

O artigo ocupa-se de um texto de teatro do século XVIII, *Jornada do Menino Deos para o Egipto*, analisando-o na sua organização interna, no cruzamento de personagens de diferentes esferas, na diversidade de teor dos diálogos, na originalidade do remate. Procede-se igualmente ao confronto com seguros e possíveis antecedentes, desde a narrativa evangélica de S. Mateus, aos evangelhos apócrifos e a determinados autos do teatro espanhol e apontam-se alguns exemplos de tratamento do mesmo tema nas artes plásticas.

4 – *A infância de cristo em Ednotationes et meditationes in Euangelia do Padre Jerónimo Nadal (S.J.)* – João Carlos Serafim

D. Vasco Luís da Gama (1612-1676), 1º Marquês de Niza, foi um dos primeiros senhores que, em meados do século XVII, fez questão de dar corpo a uma livraria pública capaz de impressionar Lisboa. Entre os muitos livros pedidos e aconselhados está a obra do Padre Jerónimo Nadal – *Adnotaciones et meditationes in Euangelia* (1594) – já na altura reconhecida como uma preciosidade iconográfica... As imagens da infância – anotadas e meditadas... – analisadas neste trabalho, mostram bem o virtuosismo do estilo apologético jesuíta de então. A obra de Nadal assumiu a responsabilidade de fixar uma retórica, de cristalizar uma paideia posteriormente cultivada com vigor.

5 – *Escola de Bethlem: amor e pedagogia* – Sara Augusto

A Escola de Bethlem, obra publicada em Évora em 1678, resulta da conjugação de dois factores: em primeiro lugar, da preocupação do seu autor, o padre jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), fundador do Seminário de Belém, no Estado da Bahia, com a educação dos mais jovens e com a sua aprendizagem espiritual; em segundo lugar, do seu particular afecto pelo Menino Deus do Presépio, fazendo desta representação uma fonte inesgotável de metáforas e imagens do amor divino. Tratando-se de um compêndio de lição e meditação, centrado sobre as três vias do amadurecimento espiritual, a Escola de Bethlem é uma obra didáctica, perfeitamente enquadrada no contexto religioso e literário em que se insere. Na sua função didáctica, tendo em conta as práticas de espiritualidade e oração da Companhia de Jesus, esta obra de Alexandre de Gusmão corporiza o princípio da necessidade de íntima relação entre a acção, a missão e evangelização, com a necessidade de oração e de intimidade com Deus. Em segundo lugar, a Escola de Bethlem segue o princípio que norteou grande parte da produção religiosa ou moral da época barroca: que a lição se torna mais eficaz quando proporcionada de forma mais aprazível. Os artificios discursivos, as metáforas e os emblemas, o engenho e a agudeza, ao mesmo tempo que envolvem a atenção e o gosto do leitor, tornam simultaneamente mais efectiva a lição transmitida. Assim, entre a lição e a meditação, a Escola de Bethlem conta-nos a história da alma humana, etapa a etapa, classe a classe, até à união com o divino, partindo, em cada pormenor, do cenário do Presépio, origem e motor da produção de conceitos e da eficácia do ensino.

6 – *Annuntiationis Puer. O Menino na Anunciação, em Portugal* – Frei António-José de Almeida (O.P.)

Apresentam-se cronologicamente as imagens existentes em Portugal de uma forma rara de representação do episódio evangélico da Anunciação: aquela em que aparece a figura de um Menino pequenino nu, descendo do céu em direcção à Virgem Maria. Além das

já anteriormente conhecidas e reveladas em publicações especializadas, mostram-se aqui pela primeira vez algumas novas imagens. Um grande espaço é concedido à procura de explicação do surgimento de uma entalhadura impressa em Portugal numa edição do *Flos Sanctorum* de Fr. Diogo do Rosário O.P e a relação desta com iluminuras ou estampas semelhantes (de origem francesa, alemã ou espanhola), em que o motivo do homúnculo está ou não presente. Também aqui se faz a revelação de uma estampa desconhecida com esta temática, impressa num livro francês conservado numa biblioteca de Santiago de Compostela.

7 – *La Pasión de Cristo según José de Alcibar* – Alena Robin

Este artigo propõe um estudo sobre uma série da Paixão, executada pelo pintor novo-hispano José de Alcibar (ativo 1751-1803), que se encontra atualmente conservada no Museo de Arte Sacra, Chihuahua, México. Assinada e datada de 1776, a série se compõe de 14 telas grandes. Porém, segundo o inventário dos bens pertencendo à igreja paroquial de Chihuahua (atual Catedral), datado de 1801, a série teria sido constituída, originalmente, por 15 telas. Também se sabe, pelo mesmo documento, que a série decorava a nave da igreja. Este conjunto é singular por várias razões. Uma delas é que foi encomendado à um dos mais famosos pintores do vice-reinado durante o período o menos glorioso da cidade. Outra, é que a iconografia das pinturas é bastante complexa. Apesar de faltar uma tela ao conjunto, todas as pinturas restantes possuem duas, as vezes até três, cenas secundárias. O propósito deste artigo é de analisar esta série importante e de tentar entender de que forma funcionava, tanto por si só como em relação ao espaço no qual se encontrava : como deveria ser lida, e como se relaciona com os exercícios piedosos que se realizavam no interior da igreja.

VARIA

8 – *O humanista e a cidade: lucubrações erasmianas.* – Jorge Alves Osório

«Que outra coisa não é a cidade senão um grande mosteiro» (carta de 1518 a Martinho Dorp); «Sempre me deixei encantar pelos grandes edifícios e as grandes cidades» (carta de 1529 a Johann Choler). Estas duas frases de Desidério Erasmo sintetizam o assunto deste artigo: a ideia do humanista de Roterdão de que a vida dos cristãos se devia concentrar na imitação e na filosofia de Cristo. Ao contrário do tão frequente elogio renascentista da vida campestre, Erasmo valorizava e apreciava a convivência que a cidade proporcionava no plano da amizade e das letras.

9 – *O Colégio do Santo nome de Jesus em Bragança: um quotidiano jesuíta* –

– Cristina Osswald

Este texto aborda alguns dos principais aspectos que marcaram o quotidiano da comunidade habitando esta instituição. A fundação deste colégio ocorreu no período de maior expansão da Companhia de Jesus em Portugal. Todavia, os seus inícios foram muito difíceis (dificuldades climáticas, alimentares, a pouca apetência dos jesuítas para viverem em zonas periféricas), o que levou mesmo a colocar-se a hipótese de encerrar o colégio brigantino. Naturalmente, o desempenho de actividades religiosas era um aspecto principal do quotidiano destes homens de religião. No entanto, todos os membros da comunidade estavam obrigados a realizar tarefas manuais. Os horários seguidos eram os horários da Assistência Lusitana. A alimentação era variada, respeitando o vestuário as características climáticas locais. A preocupação com a saúde era um outro factor fundamental marcando o quotidiano desta comunidade. Finalmente, esta comunidade era afectada por dois tipos principais de hábitos nocivos: os abusos alimentares e os problemas disciplinares.

10 – *O Percurso Editorial da obra Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria de Frei*

Miguel Pacheco – Vera Peixoto

Vida de la Serenissima Infanta D. Maria, de Frei Miguel Pacheco (? – 1668), Regular da Ordem de Cristo, foi obra publicada em 1675, em Lisboa. Trata, como próprio nome indica, da insigne Princesa D. Maria (1521 – 1577), filha do Rei D. Manuel I de Portugal (1469 – 1521), e inscreve-se na longa tradição de “escrita de vidas”, oferecendo aos leitores/ouvintes um exemplo real de virtude e devoção.

Embora publicado em 1675 em Lisboa (única edição conhecida), o texto foi redigido em Madrid – aonde Frei Miguel Pacheco fora enviado pela Ordem Religiosa, para dar seguimento aos legados testamentários da referida Infanta. A impressão da obra teve início na corte castelhana, mas foi interrompida em 1668, ano da morte do autor, e retomada apenas oito anos depois já na corte portuguesa.

Neste artigo pretendemos explorar o singular e obscuro percurso editorial da obra de Frei Miguel Pacheco, entre 1668 e 1675, entre Madrid e Lisboa. Para isso basear-nos-emos em grande medida num exemplar impresso incompleto, recentemente encontrado no Fundo Antigo da Biblioteca de Castilla-La Mancha, em Toledo, que veio, através das variantes que apresenta, lançar alguma luz sobre a história de vida deste livro.